

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Processo formativo do estudante universitário: a Iniciação Científica no cenário das práticas de pesquisa produtivistas

Maísa Aparecida de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCar

Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCar

Agência de financiamento: FAPESP

Eixo Temático: Educação Superior e Práticas educacionais

O trabalho objetiva analisar a formação do estudante que desenvolve Iniciação Científica (IC) e a relação que se estabelece entre tais estudantes e o ingresso na pós-graduação. A pesquisa de caráter quali-quantitativo foi realizada com 120 estudantes de 12 cursos de graduação divididos nos Centros de Ciências Biológicas, Humanas e Exatas da UFSCar que responderam a um questionário. Posteriormente, 10% desses estudantes realizaram entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi realizada por meio da categorização dos conteúdos fundamentados em aportes teóricos de perspectivas críticas. Conclui-se que dentre as atividades desenvolvidas pelos estudantes pesquisados há maior ênfase atribuída às atividades de pesquisa científica. Há uma tendência dos estudantes que desenvolvem IC de prosseguir a carreira acadêmica. A IC se tornou novo paradigma para a graduação incidindo positivamente na formação do estudante ao contribuir para o crescimento intelectual e profissional, além de preencher as possíveis lacunas em sua formação ao propiciar a interação da teoria com a prática. Todavia, nos moldes atuais da universidade tal processo formativo tem colaborado para uma prática de produção do conhecimento científico que segue a lógica intensificada e produtivista de se *fazer* pesquisa.

Palavras-chave: Iniciação Científica. Formação. Estudante. Produtividade Acadêmica.

Este artigo apresenta como foco de análise o desenvolvimento da formação do estudante constituída nas interfaces da produtividade acadêmica no contexto universitário. O trabalho objetiva analisar a formação do estudante que desenvolve Iniciação Científica (IC) e a relação que se estabelece entre tais estudantes e o ingresso na pós-graduação, tendo as práticas de pesquisas produtivistas no cenário universitário.

A reflexão que desenvolvemos neste artigo se refere a um recorte dos dados de pesquisa de mestrado em que se buscou investigar as implicações e as repercussões da produtividade acadêmica na formação dos discentes universitários direcionada para os espaços interpessoais de socialização, de formação e de atuação dos estudantes no cotidiano acadêmico.

A pesquisa apresentou caráter quali-quantitativo e foi realizada na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), delimitada no *campus* São Carlos. A instituição possui 33 cursos de graduação que são divididos nos Centros de Ciências pertencentes às áreas Biológicas, Exatas e Humanas. Para o desenvolvimento da pesquisa foram selecionados quatro cursos de cada Centro: Biotecnologia, Fisioterapia, Ciências Biológicas e Medicina; Engenharia de Materiais, Engenharia Química, Física e Matemática; Pedagogia, Educação Especial, Filosofia e Ciências Sociais.

A amostra inicial foi composta por 120 universitários (40 estudantes de cada Centro de Ciências, matriculados nos dois últimos anos letivos de cada curso de graduação). Em um primeiro



momento solicitamos que os 120 estudantes respondessem um questionário que visou mapear e caracterizar o perfil dos estudantes universitários e suas atividades.

Na segunda fase da pesquisa realizamos entrevistas semiestruturadas individuais com 10% dos estudantes que responderam ao questionário. Nas entrevistas buscamos aprofundar os dados obtidos pelos questionários no que se refere ao ingresso na universidade e seus condicionantes, às relações que os estudantes estabelecem, às atividades acadêmicas realizadas e às questões relacionadas ao processo formativo do estudante universitário.

Consideramos nesta pesquisa que os conteúdos das representações constituem elementos, cujo repertório simbólico e suas respectivas fontes não podem ser descontextualizados dos processos de construção discursiva dos atores sociais (BARDIN, 1977). Nesse sentido, assinalamos que a participação dos sujeitos da pesquisa foi voluntária, as entrevistas tiveram duração média de 35 minutos e para que as identidades fossem preservadas atribuímos nomes fictícios aos estudantes entrevistados.

A temática proposta reflete sobre a atividade e a formação discente na atual conjuntura da universidade e suas funções sociais. Ressalta-se que tal temática vem sendo mais pesquisada na atualidade, mas ainda há poucas pesquisas sobre a atividade do estudante universitário, configurada no contexto do capitalismo neoliberal, no que se refere aos processos de formação e de socialização do mesmo.

Formação, socialização e atividades de IC na universidade

A base teórica do trabalho proporciona subsídios à compreensão da formação do estudante universitário para analisar os contextos das práticas de pesquisa produtivistas realizadas em atividades de Iniciação Científica (IC). Para tanto, utilizamos os conceitos de Bourdieu (1983) para a análise do processo de socialização dos estudantes no que se refere ao estudante e às suas inter-relações entre a construção simbólica, a disposição social e a socialização no campo universitário. A contribuição teórica de autores como Silva Júnior, Sguissardi e Silva (2010) fundamenta a discussão do produtivismo acadêmico, da atual política mercadológica da universidade, em um debate sobre a dinâmica estabelecida entre universidade, ciência e Estado.

Consideramos a universidade um campo privilegiado para conhecer a cultura universal e as várias ciências, para criar e difundir o conhecimento. A função da universidade, como instituição social, consiste em formar o estudante universitário de maneira sistemática em profissionais, técnicos, intelectuais e cientistas aptos a desenvolverem atividades profissionais qualificadas. É, ainda, espaço por excelência no qual acontecem trocas de informações, experiências e saberes, estabelecendo intercâmbio permanente entre cientistas, técnicos, docentes e discentes (PIMENTA, 2005).

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



É necessário considerar que os estudantes universitários possuem uma história, um processo de formação e socialização, o que nos dá subsídio para entender a relação do modo de incorporação de uma prática (SETTON, 2010). A socialização consiste em um processo constante de “ações, de se fazer, de se desfazer e se refazer a partir das relações sociais” (SETTON, 2009, p. 296), estando e atuando no mundo social. Ao analisar elementos socializadores nas trajetórias escolares procuramos compreender e contextualizar a atividade discente na universidade, tendo como foco esse sujeito social em seu processo educativo.

O processo de socialização caracterizado na formação do estudante universitário ocorre pela incorporação de ações sociais, como disposições, normas e valores, constituindo-o como um ser social e profissional, o que possibilita a mudança social a partir do processo de superação de uma identificação adquirida na socialização primária (SETTON, 2005).

Os pais detentores de diplomas universitários, segundo Dubar (2005), têm maiores perspectivas de que os filhos obtenham diplomas de ensino superior, considerando o elevado volume de capital cultural dos pais graduados, investidos nos filhos. O acesso ao capital cultural, transmitido pelos pais, influencia diretamente no desempenho e nos níveis de escolarização alcançados pelos estudantes.

Segundo Bourdieu (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002), os pais que conhecem a estrutura e o funcionamento do campo da educação superior, um componente específico do capital cultural, formulam estratégias para orientar (influenciar) a trajetória escolar dos filhos. Observou-se nesta pesquisa que os pais que são professores universitários, estrategicamente, influenciam os filhos a cursarem o curso superior (preferencialmente, um curso valorizado e conceituado no campo acadêmico) e a não interromper os estudos, prosseguindo no mestrado e doutorado.

Partindo do pressuposto da ontologia do ser social, em que o trabalho é reconhecido como categoria fundante do ser, pressupondo o desenvolvimento físico e mental do homem e constituindo o trabalho como princípio educativo (OLIVEIRA, M. A. et al, 2009), entendemos a atividade discente como trabalho, como o próprio processo de produção do estudante, problematizando e contrapondo-se às relações capitalistas contingentes à sua formação. Nesse sentido, os estudantes universitários inseridos neste contexto de aprendizados e trocas, possuem diversas possibilidades de desenvolvimento de atividades que propiciam o processo de socialização próprio do processo de produção do universitário.

No que se refere às atividades acadêmicas foi recorrente (e unânime) a participação em disciplinas, estágios curriculares, pesquisas de Iniciação Científica (IC), grupos de pesquisa e eventos científicos. Alguns estudantes relataram a participação em programas de Iniciação à Docência, monitorias e tutorias, estágios extracurriculares, Empresa Júnior, alguns cursos no período de férias escolares, entre outros.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Os aprendizados e as trocas de experiências para os estudantes universitários ocorrem também em atividades que não são consideradas acadêmicas. Entendemos por atividades não acadêmicas as relacionadas aos movimentos estudantis (DCE, CA, DA, entre outros) e aos grupos informais (esportivos, teatrais, musicais, religiosos, entre outros). Analisadas todas as respostas dos estudantes entrevistados, podemos constatar que os universitários não participaram de muitas atividades desvinculadas à Academia, pois se detiveram a discorrer sobre os estágios voluntários, os eventos científicos e a inserção em um grupo de auxílio a estudantes do Ensino Médio.

Lembramos que os estudantes universitários que participaram da pesquisa estão matriculados nos dois últimos anos do curso de graduação. O capital cultural incorporado pelos estudantes no decorrer de sua trajetória universitária incide em suas escolhas, o que sugere a propensão em investir nas atividades legitimadas pela universidade (campo dominante), isto é, as atividades mais “rentáveis”. Com base em Bourdieu (1983), apreendemos que as atividades rentáveis estão diretamente relacionadas ao campo científico que determina (rege) a Ciência. As atividades rentáveis possibilitam ao estudante a obtenção do reconhecimento dos seus pares. Tendo em vista a escolha dos estudantes pelas atividades acadêmicas em detrimento do envolvimento em atividades não acadêmicas, inferimos que tais atividades são vistas como menos rentáveis no espaço universitário e, portanto, a escolha é balizada pela instrumentalidade do sucesso escolar, categoria constitutiva para a inserção e o reconhecimento do estudante.

Segundo os estudantes entrevistados a atividade mais significativa que realizaram no período da graduação está relacionada à pesquisa, o que se justifica pela relevância desta atividade nas demais áreas de formação dos estudantes. Alguns estudantes informaram que iniciaram as atividades relacionadas à pesquisa no primeiro ano de graduação.

Conforme afirmou Fernandes (2002), o aluno que desenvolve pesquisa na universidade tem a possibilidade de elaborar o seu próprio pensamento, seu conhecimento, ou seja, ao realizar pesquisas para descobrir, aprender ou criar novos conhecimentos, relaciona a teoria e a prática. Ao se referir às estratégias de aprendizado que despertam a curiosidade, criatividade e interesse pelo conhecimento, Amaral e Nunes (2009) consideram que a pesquisa proporciona ao estudante o desenvolvimento da capacidade de expressão e elaboração desse conhecimento como um “desafio da descoberta”.

Recorrendo a Simão (1996), notamos que a função da iniciação científica (IC) na graduação é construir no estudante habilidades e atitudes intrínsecas ao cientista. Da mesma maneira, Favade-Moraes e Fava (2000) enumeram diversas vantagens para o estudante que realiza IC. Segundo os referidos autores, a IC é importante para o estudante por melhorar a sua análise crítica, maturidade intelectual, compreensão da ciência e possibilidades futuras, tanto acadêmicas quanto

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



profissionais, numa possível inserção na pós-graduação, bem como oferece auxílio financeiro, podendo ser utilizado na aquisição de livros e materiais acadêmicos ou como subsídio próprio.

Em nossa pesquisa os estudantes relataram que a IC ensinou que é possível executar atividades desenvolvidas em sala de aula e que essas experiências nem sempre dão certo, por isso é necessário que estejam atentos aos procedimentos utilizados, ao planejamento da pesquisa e sempre realizar novos testes, assumindo a postura de um cientista.

Entendemos que os currículos dos cursos de graduação são muito amplos e que formar o estudante (futuro profissional) no período da graduação, assimilando todos os conteúdos, não é uma tarefa fácil. Os conteúdos são densos e, muitas vezes, as aulas (atividades de ensino) não conseguem contemplá-los integralmente, além de que a formação do estudante requer mais do que a apreensão de conteúdos ofertados em salas de aula e laboratórios (POCHMANN, 2012). Os estudantes entrevistados se referiram, ainda, à importância de se realizar a pesquisa na universidade, indicando, de certa maneira, como o envolvimento com a pesquisa permitiu o aprofundamento e a complementação de sua formação. Nesse sentido, essas reflexões nos permitem inferir que realizar atividades relacionadas à pesquisa é fundamental para a formação acadêmica, profissional e pessoal do estudante.

Por outro lado, em investigações realizadas por Santos (2013), a autora constatou que a pesquisa na graduação vai se tornar, muito em breve, um novo paradigma neste nível de ensino. A referida autora constata que a pesquisa que vem sendo realizada na universidade auxilia positivamente a formação do estudante, como já mencionado, mas também se pauta em princípios de competitividade e de individualismo.

Para Santos (2013), a formação do estudante, atrelada ao desenvolvimento de pesquisas na graduação, vincula-se, também, às práticas do produtivismo acadêmico, numa materialização da racionalidade econômica presente na universidade. Na compreensão da autora, a inserção do universitário em programas de pesquisa tem a função de prepará-lo para a pós-graduação stricto sensu, visto que a pesquisa na graduação consolida as práticas de produção e reprodução do conhecimento presentes na pós-graduação.

Os estudantes entrevistados relataram que o envolvimento com a pesquisa transforma suas percepções enquanto estudantes e consideram que a universidade proporciona diversas oportunidades de pesquisa que devem ser aproveitadas pelos mesmos. A fala da estudante ratifica a concepção elaborada por Santos (2013) de que a pesquisa na graduação se tornou um novo paradigma e um pré-requisito para a pós-graduação.

Eu fui conversar com um professor e eu falei que queria mestrado. Ele perguntou o que eu já fiz. Quando eu falei, ele disse: "ah não, então vamos prestar o doutorado direto!" Eles são muito rigorosos! Se você não tem nada, é muito difícil conseguir. Então, quando você consegue uma coisa, aproveita e as outras virão (Nathália).

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Contudo é importante considerar também o que a prática da pesquisa na graduação pode acarretar na formação do estudante, quando associada a uma concepção produtivista e mercantilizada da ciência e da pesquisa. É interessante problematizar a valorização dos aspectos sociais que os estudantes percebem em sua produção acadêmica na graduação.

Os estudantes relacionaram suas produções aos benefícios sociais ou para a contribuição dada à sua área de pesquisa, o que também é função social da universidade, ou seja, contribuir com a resolução dos problemas e produzir Ciência. No entanto, os universitários não se referiram às contribuições que suas atividades proporcionaram às empresas e/ou ao Estado (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009). Questionamos se os estudantes estão desenvolvendo as pesquisas sem refletir adequadamente sobre todas as dimensões de sua aplicabilidade. Até que ponto os estudantes compreendem que desenvolver atividades de pesquisa na IC pode constituir mão de obra barata quando suas descobertas “criam Políticas Públicas para a Educação”, como afirmou Beatriz, estudante do Curso de Educação Especial.

Conforme destacam Sguissardi e Silva Júnior (2009) o financiamento das pesquisas desenvolvidas na universidade tem como principal objetivo beneficiar a progressiva mercantilização da produção do conhecimento, trazendo em decorrência a controversa representação do estudante da graduação como mão de obra barata e qualificada. Enquanto mão de obra, o estudante é cobrado e avaliado como tal em suas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Atividades essas que deveriam se caracterizar, exclusivamente, como formativas, sem a cobrança decorrente da mercantilização do conhecimento.

Para Oliveira e Catani (2011) o sistema econômico e as ações governamentais (com interesses políticos) exercem papel de dominação sobre o campo da educação superior que de maneira peculiar exerce, sobretudo, dois papéis significativos no processo de acumulação da mundialização do capital, são eles: formar profissionais aptos a atuar e a desenvolver atividades altamente qualificadas no mercado de trabalho e gerar conhecimentos novos e inovações tecnológicas capazes de exercer competitividade nos diversos setores da economia.

Segundo Oliveira e Fonseca (2010), tal problemática institucional incide na formação do estudante universitário, quando se observa a existência de uma continuidade progressiva no campo universitário no decurso da graduação para a pós-graduação, em que o interesse pela pesquisa na graduação faz com que o estudante queira prosseguir a carreira acadêmico-científica buscando cursar o Mestrado e o Doutorado. Em nossa pesquisa foi constatado que, dentre os entrevistados, sete estudantes afirmaram que irão prosseguir a formação na pós-graduação ao terminarem a graduação; dois estudantes desejam se inserir no mercado de trabalho por um ou dois anos e, posteriormente, ingressar no mestrado; dois estudantes disseram que não irão seguir



a carreira acadêmica e, por fim, um estudante afirmou não ter se decidido entre ingressar na pós-graduação ou no mercado de trabalho.

Na dissertação de Rodrigues (2012), a autora infere que a competição entre os estudantes da universidade pública está presente em suas trajetórias desde a educação básica, pautada na lógica da meritocracia em que a competitividade e o individualismo foram naturalizados em seus processos de socialização, atuando como respaldo para o mercado de trabalho.

Em nosso estudo indagamos sobre a existência de competitividade entre os alunos. Ratificando a pesquisa de Rodrigues (2010), os estudantes entrevistados evidenciaram que a competição está naturalizada em seu cotidiano e que se sentem prejudicados pela existência da mesma, já que colegas de cursos se mostraram hostis em relação à disputa por projetos com bolsa, estágios, boas notas e em situações do convívio diário na universidade.

Reconhecemos que a competição está presente, de maneira mais ampla, nas relações estabelecidas na sociedade. Especificamente no contexto pesquisado, fundamentado na lógica mercantil, há concorrência entre os programas e cursos universitários e professores-pesquisadores para a obtenção de financiamento, acarretando em intensa competição e pressão entre os pares. O que se observa é que os estudantes pretendentes à carreira acadêmica são afetados pela lógica concorrencial, envoltos pelo prazer e paixão pela pesquisa (SILVA JR.; SGUISSARDI; SILVA, 2010).

Quanto à produção acadêmica na graduação, os estudantes se referiram aos trabalhos que foram publicados em congressos, periódicos e outros meios de divulgação. Como já relatado anteriormente, a produtividade da estudante do curso de Biotecnologia foi suficiente para que ela pudesse ser convidada a cursar o Doutorado Direto. Outros estudantes também relataram possuírem muitas produções, justificadas pela inserção no grupo de pesquisa e da bolsa de Iniciação Científica.

Já a fala da estudante do Curso de Biotecnologia permite perceber que os estudantes têm incorporado a prática de produção acadêmica que segue a lógica do trabalho intensificado dos docentes universitários, ou seja, estão sendo formatados numa concepção “ansiosa”, em que se deve escrever trabalhos científicos rapidamente, para se produzir mais, aproveitando todas as possibilidades de produção científica, numa prática de produção do conhecimento intensificada.

O meu outro orientador era muito ansioso, então a gente não demorava muito. O trabalho todo, um ano. Na escrita era bem rápido! E eu gostei de ser rápido, porque isso me incentivou a escrever mais rápido! Se você tem todos os resultados, em 15 dias você escreve o artigo, uai! Eu peguei um pouco essa ansiedade, eu falo: “por que não escrevemos um Review sobre o assunto? Vamos ler, vamos escrever!” Acho que foi bom para mim, porque estou ansiosa. Mas eu tive dificuldade, principalmente, no inglês e na forma de escrever, os textos sempre vinham com bastante correções. É, não é tão simples assim. (Nathália).

Com base em Mancebo, constatamos que a intensificação do trabalho é o principal fator do sofrimento físico e psicológico dos docentes inseridos no processo de produção do conhecimento.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



A autora destaca como fatores centrais da problemática o “ritmo, a intensidade, os valores com que se desenvolvem as atividades docentes (heteronomia, competição e individualismo, por exemplo), bem como a própria expansão da jornada de trabalho” (MANCEBO, 2011, p. 37).

Como já discutido neste trabalho, a interação social ocorre entre os estudantes (em constante processo de socialização) e o meio acadêmico no qual estão inseridos. Refletindo sobre os impactos das interações ocorridas entre o estudante e a universidade em sua formação acadêmica, constatamos a predominância do crescimento intelectual do estudante adquirido pela experiência obtida no campo universitário com o qual se torna profissional apto a atuar no mercado de trabalho.

No entanto, o decurso do estudante na universidade imersa na lógica produtivista sobrecarrega o estudante de atividades. Para conseguir realizar as tarefas curriculares e extracurriculares, o estudante precisa abdicar de várias experiências sociais, como a estudante do curso de Educação Especial elencou ao ser questionada sobre a sua atuação na universidade.

Pra minha formação foi muito importante, porque agora eu pretendo prestar mestrado e isso conta bastante, embora não tenha sido tão fácil dar conta de tudo. A gente tem que escolher, ou dá prioridade pra graduação, grupo de pesquisa, pra tudo o que a gente tem que fazer dentro da Academia ou a gente dá prioridade pra vida social, infelizmente. A gente tem que deixar namorado, tem que deixar família. Minha família mesmo eu vejo, sei lá, uma vez por semestre, ou quando eu volto nas férias, se bem que as férias eu passei aqui também por conta de TCC, IC... Prefiro ficar aqui, fazer tudo o que tenho que fazer, porque afinal é um compromisso que eu tenho né, do que ir pra lá e de repente eu não dar conta. Eu sinto falta, mas eu penso que me propus a vir, ficar os quatro anos e estudar mesmo, eu tenho que cumprir agora e está quase terminando, embora eu queira continuar, fazer mestrado. Sinto falta, mas eu tenho que saber lidar com isso, infelizmente (Ana Luysa).

Com base em Dejourns (2004), podemos inferir que o sofrimento é captado na observação das defesas que os estudantes expõem como justificativa para a sua atuação: “me propus a vir, ficar os quatro anos e estudar mesmo” (Ana Luysa). Para Dejourns (2004) não há trabalho sem o sofrimento, o que requer do estudante autocontrole e disciplina. Se há prazer na realização do trabalho, não significa que no processo não possa existir sofrimento, caracterizando a dialética do sofrimento e do prazer na atividade do estudante universitário. O sofrimento faz com que o estudante elabore estratégias defensivas, não é algo doloroso, visto que essa estratégia equilibra o sofrimento psicossomático na realização do trabalho. Nesse sentido, o produtivismo gera uma normalização, na qual o estudante universitário deve se adaptar às normas, regras e processos.

A estudante do curso de Biotecnologia se considera apaixonada pelo campo acadêmico e vê seu “sofrimento” ao se sentir sobrecarregada como um “pensamento bobo”, como se a ampliação e a intensificação de atividades acumuladas em seu cotidiano fosse um mal necessário. Relatou que se sente, frequentemente, atordoada com as atividades e que lhe causam estresse.

Às vezes você olha e pensa: meu, fazer pós-graduação, estudar tantos anos, não ganha tanto, né, pelo o que você estuda, aí dá uma desanimada. Você fala assim: “pra que isso”? Eu vou morrer de estudar? Mas é só pensamento bobo que passa. É isso que quero! Às vezes eu dou uma *piradinha*, sim... Eu surto frequentemente com isso, igual às vezes choro, acho que não vou dar conta, tenho medo de não passar no que preciso, fico nervosa, não

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



consigo me concentrar no que estou fazendo. Mas aí vou respirando fundo até passar. Mas é como eu falei, às vezes reclamo, choro e tudo mais, mas eu gosto muito disso tudo. Só gostaria que fosse dado mais tempo para o lazer, porque quem quer carreira acadêmica sofre um pouco nesse ponto. (Nathália).

A estudante do curso de Biotecnologia também relatou que as últimas férias que teve foram no primeiro ano de faculdade, depois com os cursos de Verão e de Inverno e as atividades de pesquisa conseguiu folgas de apenas uma semana.

Os autores Sguissardi e Silva Jr (2009), e Silva e Silva Jr. (2011) realizam importante análise sobre o trabalho do professor universitário, no que se refere à inobservância da realidade do trabalho intensificado do professor. Embasando-nos em tais autores, argumentamos que a atuação da estudante do curso de Biotecnologia, como de outros estudantes pesquisados, pode ser caracterizada como “fetiche do prazer e da paixão pelo trabalho acadêmico-científico” o que sugere a “tendência ao cumprimento cego de uma série de exigências de temporalidade exógena” (SILVA; SILVA JR., 2011, p. 64) sujeitando-se à inconvenientes psico-sociais, justificados pelo conformismo e pelo fetiche do prazer: “Eu reclamo, mas adoro essa vida!” (Nathália).

Portanto, constatamos que a atividade do estudante universitário tem se voltado de maneira mais intensa para a prática de pesquisa. O processo de socialização do estudante neste contexto de produção do conhecimento acontece numa interação com o professor/orientador ou com estudantes da pós-graduação no qual o estudante incorpora uma prática intensificada, produtivista e “ansiosa” de *fazer* pesquisa. Em decorrência do produtivismo, o estudante abstém-se de vivenciar relações pessoais (familiares, amizades, entre outras), além de atividades de lazer e entretenimento para conseguir executar as atividades do campo científico-produtivista nas quais são cobrados e avaliados pelas agências que financiam e regulam as pesquisas para o cumprimento de tarefas e prazos. Tal fenômeno é assinalado como *fetiche do prazer e da paixão pelo trabalho acadêmico-científico* naturalizado e reproduzido no campo universitário também pelos gestores, docentes e estudantes da pós-graduação.

Considerações Finais

Em síntese, podemos afirmar que o presente estudo revela importantes discussões sobre a problemática institucional abarcada pela universidade.

Os estudantes consideraram as atividades relacionadas à pesquisa fundamentais para a sua formação acadêmica, profissional e pessoal. Tais atividades proporcionam aos estudantes relacionarem a teoria com a prática, a aprenderem a trabalhar com planejamento, organização e prazos, crescimento intelectual e a adquirirem maturidade, assumindo a postura de cientistas. Na concepção crítico-dialética a pesquisa é caracterizada como processo educativo emancipatório, para tanto a pesquisa precisa ser considerada “como capacidade de questionamento, de elaboração e reelaboração constante da própria aprendizagem” (FERNANDES, 2002, p. 69), o que nos leva a afirmar que a pesquisa é parte intrínseca do desenvolvimento profissional do estudante.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Entretanto, tal processo educativo que poderia ser emancipatório, nos moldes atuais da universidade, tem colaborado para enfatizar atitudes individualistas entre os estudantes, no contexto das práticas de pesquisa produtivistas e mercantilizadas.

Entendemos que o foco central da sociedade está direcionado à mercantilização, o que naturaliza a competição em todos os âmbitos da sociedade. A competição existente no campo acadêmico acontece como na sociedade, no entanto, a partir da análise dos dados desta pesquisa, para os estudantes aspirantes à pós-graduação a competição apresenta-se de maneira mais arraigada, devido à necessidade de produzirem um conhecimento articulado e voltado para a valorização do capital, quantificando a produtividade acadêmica, incentivando a inovação para a ampliação do valor agregado dos produtos e para a obtenção competitiva de novas pesquisas e publicações valorizadas e experienciadas para a pós-graduação.

Os dados revelaram que a produção científica dos estudantes tem aumentado e que tem sido publicada em congressos, em periódicos e em outros meios de divulgação, sendo suficiente, em alguns casos, para ingressarem no doutorado direto, compondo uma crescente propensão nos últimos anos. Constatou-se, portanto, que há uma tendência de continuidade da formação na Pós-Graduação *Strictu Sensu* para os estudantes que se envolvem com atividades relacionadas à pesquisa no decurso da graduação.

Para aqueles que almejam prosseguir a carreira acadêmica, a intensificação das atividades e o produtivismo acadêmico representaram um “mal necessário”, já que proporcionaram o reconhecimento social de seu trabalho, criando, portanto, a inobservância da realidade do trabalho intensificado do estudante, evidenciado no “fetiche do prazer e da paixão pelo trabalho acadêmico-científico”.

O diálogo com a temática proposta é desafiador, em face à importância deste estudo, tornando-se necessário aprofundar as questões suscitadas. Assim, esta pesquisa instiga o prosseguimento das investigações em contextos sócio-históricos diferenciados, aprofundando-se as análises da atividade discente na universidade, submersa na lógica mercadológica.

Referências

AMARAL, M. M. D.; NUNES, L. C. Pesquisa acadêmico-científica nas instituições de ensino superior: do faz-de-conta à realidade do mundo digital. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, p. 99-112, 2009.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CATANI, A. M.; DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. de. Natureza jurídica, organização acadêmica e gestão universitária. In: SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. dos R. (Orgs.). **Educação Superior: análises e perspectivas de pesquisa**. São Paulo: Xamã, 2001. p. 69-80.

CHAUÍ, M. de S. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

DEJOURS, C. Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELMAN, L. I. (org.). **Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Brasília: Paralelo 15, 2004. 346 p.

DUBAR, C. A socialização como incorporação dos habitus. In: DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 77-95.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



FAVA-DE-MORAES, F.; FAVA, M. A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, p. 73-77, 2000.

FERNANDES, M. C. S. G. Concepções de qualidade de ensino na perspectiva docente em um centro universitário privado e noturno. Tese de doutoramento. Araraquara: UNESP, 2002.

MANCEBO, D. Intensidade do Trabalho Docente: um debate necessário. In: CATANI, A. M.; SILVA JÚNIOR, J. R.; MENEGHEL, S. M. (Orgs.). **A cultura da universidade pública brasileira**: mercantilização do conhecimento e certificação em massa. São Paulo: Xamã, 2011. p.29-40.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-35, Apr. 2002.

OLIVEIRA, J. F.; CATANI, A. M. **A reconfiguração do campo universitário no Brasil**; conceitos, atores, estratégias e ações. O campo Universitário no Brasil: políticas, ações e processos de reconfiguração. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011. p. 11-37.

OLIVEIRA, M. A. M. et al. A concepção crítico-dialética na educação: alternativa à concepção do aprender-a-aprender, priorizada pela "pós-modernidade"? In: MENEZES NETO, A. J.; CUNHA, D. M.; FIDALGO, F.; SOUZA JUNIOR, H. OLIVEIRA, M. A. M. (Orgs.). **Trabalho, política e formação humana**: interlocuções com Marx e Gramsci. São Paulo: Xamã, 2009, p. 71-98.

PIMENTA, S. G. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2005.

POCHMANN, M. Trabalho e formação. **Educação & Realidade**, v. 37, p. 491-508, 2012.

RODRIGUES, S. T. K. **Racionalidade instrumental, competitividade e individualismo de estudantes universitários**. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 2012.

SANTOS, S. A. **Mudanças na graduação na universidade pública**: a nova prática da Iniciação Científica. São Carlos: UFSCar, Tese de doutoramento, 2013.

SETTON, M. D. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, v. 17, p. 335-350, 2005.

SETTON, M. G. J. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 296-307, ago. 2009.

SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. dos R. **Trabalho intensificado nas federais**: Pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA JÚNIOR, J. R.; SGUISSARDI, V.; SILVA, E. P. Trabalho intensificado nas federais públicas brasileiras. **Universidade e Sociedade**, Brasília, DF, v. 45, p. 9-37, jan. 2010.

SIMÃO, L. M. A Iniciação Científica enquanto processo de construção de conhecimento: um enfoque para reflexão. In: BONFIM, E. M. **Formação em Psicologia**. Belo Horizonte, Anpepp/UFMG, 1996.